



## **RIO DE JANEIRO**

### **OS PRINCÍPIOS ACIMA DAS PERSONALIDADES**

O tema da XXXI Conferência de Serviços Gerais é uma parte do enunciado da Décima Segunda Tradição, que no seu todo diz o seguinte: “*O anonimato é o alicerce espiritual das nossas Tradições – lembrando-nos sempre da necessidade de colocar os princípios acima das personalidades*”. Essa Tradição prega o sacrifício, que é a substância espiritual do anonimato. Acima de nossos anseios pessoais está o bem-estar comum. Esta é a Tradição da humildade, da verdadeira humildade, que é o próprio anonimato, tão mal interpretado e que é osso, única e exclusivamente nosso, membros de Alcoólicos Anônimos, e não de nossa Irmandade, que não deve ser secreta – como muitos ainda pensam -, mas conhecida de todos, de toda a sociedade. Esses princípios de sacrifício e humildade não fazem parte, todavia, apenas da Décima Tradição, mas de todas as Doze Tradições de nossa Irmandade.

Todo membro de A. A. deve conformar-se com os princípios de recuperação, porque sua vida depende da obediência a princípios espirituais. Esta afirmativa contida na *Primeira Tradição* define a vital importância da submissão aos princípios, de todo aquele que busca a recuperação em Alcoólicos Anônimos. Mas para que esse objetivo seja atingido, não basta que ele seja almejado. A maioria dos indivíduos não consegue se recuperar se não houver um Grupo. As Tradições são uma extensa lista de sacrifícios aos quais precisamos nos submeter para que para que nossa Irmandade possa continuar

cumprindo o seu único e primordial propósito. Para que seja possível a recuperação pessoal, é necessário que haja o Grupo. É preciso que o Grupo viva para que possamos sobreviver. Neste momento é necessário calar o clamor dos desejos e ambições pessoais. Insistentemente as Tradições nos falam da importância da sobrevivência de A. A., para nós a quem foi dada a graça de nos recuperarmos e para aqueles que ainda estão por vir. A cada dia precisamos nos lembrar de que somos apenas a gota d'água que forma o oceano, o grão de areia que forma a praia, a pequenina estrela que forma o firmamento, ou seja, somos apenas a pequena parte de um grande todo. Aprendemos que nenhum sacrifício de caráter pessoal é demasiado grande em face da preservação de Alcoólicos Anônimos. Esta Tradição deixa bem claro que precisamos sempre privilegiar o bem-estar comum, definido o princípio de que o interesse coletivo deve sempre estar acima dos interesses individuais. A *Segunda Tradição* nos mostra o caminho da verdadeira liderança, preconizando a negação de autoridade absoluta. Ao depositar na consciência coletiva a autoridade suprema para presidir o nosso propósito comum, mostra aos nossos líderes a necessidade de serem servidores de confiança, tirando-lhes explicitamente qualquer poder de mando ou governo. Ao dar-lhes essa condição de “apenas servidores de confiança” estabelece esta Tradição o princípio de confiança mútua: por isso, “confiamos em Deus, confiamos em A. A. e confiamos uns nos outros”. A esse princípio precisamos nos submeter todos, companheiros, servidores, organismos, Grupos e a própria consciência coletiva, para que a verdadeira liderança possa ser exercida. Diz em nossa literatura que nossos líderes não dirigem por mandato, lideram pelo exemplo, ou seja, dizemos a eles “atuem por nós, mas não mandem em nós”. Como servidores, precisamos lembrar sempre de colocar o princípio de confiança recíproca, acima dos interesses pessoais de mando e poder.

Nos primórdios de A. A., ingressar em nossa Irmandade era privilégio de que poucos dispunham, grandes eram os nossos medos, o próprio anonimato como expresso no prefácio da primeira edição do livro *Alcoólicos Anônimos* foi fruto também da nossa preocupação com as complicações que um grande número de recém chagados pudessem trazer e principalmente com a sua quebra. Esse medo foi finalmente superado quanto a *Terceira Tradição* estabeleceu que “*Para ser membro de A. A. o único requisito é o desejo de para de beber*”. Estava estabelecido o princípio de que todo alcoólico tem o direito de receber a mensagem de recuperação, independentemente de quem seja ou de quais sejam os seus outros males. Todo membro de A. A. precisa colocar o direito do alcoólico em se recuperar, acima de qualquer interesse pessoal seu, na permanência ou não de alguém em nossa Irmandade.

Todo Grupo de A. A. deve ser uma entidade individual, uma unidade autônoma, rigorosamente dependente de sua própria consciência para orientar sua ação. Isso garante aos Grupos a liberdade de buscar a melhor forma de transmitir a sua mensagem, ou seja, a mensagem de Alcoólicos Anônimos. A *Quarta Tradição* colocou apenas dois avisos de tempestade, não ferir Alcoólicos Anônimos como um todo, nem filiar-se a qualquer outra coisa ou pessoa. Esse princípio de autonomia quase absoluta dada aos Grupos de A. A. precisa ser colocado a serviço da recuperação individual. Por isso, afirma esta Tradição: o Grupo, assim como o indivíduo, tem eventualmente de submeter-se a quaisquer princípios provados que assegurem a sobrevivência. Então, mesmo enquanto Grupo, devemos colocar tais princípios acima dos nossos interesses pessoais.

A advertência de que: "... melhor fazer uma coisa extremamente bem, do que fazer mal muitas coisas", mais do que um aviso, é um princípio que precisa ser cumprido com perseverança, porque a vida da nossa Irmandade dele depende. A *Quinta Tradição* sintetiza a razão de ser de Alcoólicos Anônimos ao definir o objetivo único de nossa Irmandade: *transmitir a mensagem ao alcoólico que ainda sofre*. Manter A. A. fiel à finalidade para a qual foi concebido, é um compromisso de todo membro. Individualmente precisamos renunciar às nossas ambições interiores, sem dar importância a sacrifícios pessoais, para que a mensagem continue sendo transmitida aos alcoólicos, como um dia também nos foi trazida. Mais uma vez, nos cabe colocar este princípio do objetivo maior de A. A., acima de qualquer interesse individual por mais meritório que nos pareça.

A *Sexta Tradição* coloca A. A. em uma situação toda especial ao definir o não endosso, a não afiliação, como princípio básico de autonomia plena de nossa Irmandade. Evidentemente que, para que isso acontecesse, tivemos que nos abster de auferir vantagens pessoais em nome de A. A. Em nossos primeiros anos de existência, diversas foram as tentativas de membros no sentido de ligar Alcoólicos Anônimos aos mais variados projetos. As empresas viam em A. A. uma instituição séria e seus membros como pessoas que poderiam facilmente convencer seus clientes nos diversos ramos de atividade ligadas ao alcoolismo de uma forma ou de outra. Por tentativa e erro adquirimos uma vasta experiência nesse e em outros aspectos de nossa existência como Irmandade. Assim, aprendemos que deveríamos manter uma linha de total independência em relação a outras instituições, projetos, movimentos afins ou alheios. Chegamos então ao entendimento de que teríamos sempre que colocar estes princípios acima do interesse pessoal tão comum a nós alcoólicos da busca de dinheiro, propriedade e prestígio.

O movimento de A. A. começou e permaneceu falido, enquanto seus componentes individualmente prosperavam. Na *Sétima Tradição* está

descrita a história de alguém que em determinada situação, durante o dia deu uma generosa esmola a um membro recaído e à noite negou-se a ser generoso com o seu Grupo. Diz o antigo membro: “Dei-me conta de que minha doação de cinco dólares a um recaído não passar de um recurso para satisfazer ao meu ego, ruim para ele, ruim para mim, também”. Há em A. A. um lugar onde a espiritualidade e o dinheiro podem se misturar: a sacola. Fatos ocorridos em nossos primórdios, demonstraram que só conseguiríamos manter Alcoólicos Anônimos isentos de influências externas se nos mantivéssemos por nossos próprios recursos. Estabeleceu-se assim, definitivamente, o princípio da pobreza coletiva na tradição de A. A. A Garantia Dois do Conceito Doze define como podemos sobreviver dessa forma, ao estabelecer que precisamos apenas de suficientes fundos para as operações, mais uma ampla reserva prudente. Por isso, a cada dia quando contribuímos anônima e voluntariamente na sacola, estamos nos comprometendo em um verdadeiro sacrifício de dar um pouco do nosso dinheiro para Alcoólicos Anônimos. Assim, sobreponos o princípio da autossuficiência à nossa tão propalada avareza pós-alcoólica.

Para que um dos pilares de Alcoólicos Anônimos mantenha-se de pé, necessário faz-se que a mensagem continue sendo transmitida de coração para coração, ou seja, um alcoólico falando com outro alcoólico. Jamais poderemos profissionalizar o Décimo Segundo Passo. Precisamos transmitir a mensagem a outro alcoólico, senão ele e nós mesmos poderemos vir a perecer. A *Oitava Tradição* estabelece o não profissionalismo na transmissão da mensagem, essa é a norma de procedimento básica. A contratação de funcionários especializados para os nossos escritórios é uma exceção a esse preceito, permitindo tornar possível o trabalho do Décimo Segundo Passo pelos membros de A. A. Então, para que este princípio possa ser cumprido, precisamos sacrificar um pouco do nosso tempo de descanso e lazer em prol deste serviço, assim, colocando-o acima dos nossos, ainda que sadios, interesses pessoais pela comunidade e bem-estar pessoal.

A execução eficiente dos nossos serviços depende de servidores com boa vontade e habilidade necessárias para desempenhá-los, porém, nenhum membro de A. A. pode ser obrigado por quem quer que seja a executar tarefas em quaisquer grupo ou organismo. Não temos autoridade com poder para impor a disciplina. Nenhum membro pode ser nem mesmo afastado ou mantido fora da Irmandade. Nem mesmo o trabalho do Décimo Segundo Passo pode ser exigido de um membro. Mas esse trabalho sempre é executado em Alcoólicos Anônimos. Por pessoas desobrigadas dedicam-se com afinco a transmitir a mensagem, mesmo sabendo que se não o fizerem, não haverá autoridade humana que as possa punir? A *Nona Tradição* nos

dá a resposta: “A menos que cada um dos membros de A. A. siga na medida das suas possibilidades os nossos Doze Passos indicado para a recuperação, ele estará quase que inapelavelmente assinando a sua própria sentença de morte. Sua embriaguez e desintegração não são penalidades impostas por pessoas com autoridade: resultam da sua desobediência pessoal aos princípios espirituais.” O princípio de servir, desinteressadamente, sem nada querer em troca, alimentado pelo princípio do amor em ação “Serviço” precisa ser também colocado acima dos interesses individuais ou coletivos que rondam as demais sociedades: grande riqueza, prestígio e poder.

No Quinto Passo encontramos a seguinte afirmação: “todos os Doze Passos caminham no sentido contrário aos desejos naturais, todos desinflam o ego”. É humana e natural a tendência que temos de sempre querer impor nossas opiniões pessoais ou coletivas a outras pessoas ou segmentos. Em A. A. como coletividade, precisamos renunciar a esse desejo, não entramos em polêmicas públicas porque se o fizermos sucumbiríamos. A *Décima Tradição* estabelece o princípio da não intervenção em questões alheias à Irmandade. Como seres humanos, temos também aqui nossos momentos de instabilidade emocional e por vezes chegamos a nos altercar. No começo, quando ainda tateávamos em busca do melhor caminho, muitas vezes pessoas explodiam por causa de um orçamento de vinte e cinco dólares, para despesas de correio; insatisfeitos por não conseguirem a direção de um Grupo, metade dos membros corriam a formar um novo Grupo mais ao seu feitio; veteranos, às vezes, transformados em fariseus, já tiveram seus momentos de mau humor. Amargas injúrias já foram feitas às pessoas cujas motivações deram margens a dúvidas. Apesar disso, saímos fortalecidos desses embates e aprendemos com os nossos erros, chamamos a isso das dores do crescimento e fazem parte de um aprendizado da difícil arte de viver e conviver juntos. Para que A. A. fique a salvo de contendas externas, aqui também precisamos sempre colocar o princípio da não intervenção em controvérsias públicas, acima dos nossos egoísticos interesses.

Muitos de nós chegamos a Alcoólicos Anônimos encaminhados por médicos, religiosos, empregadores, familiares e outras pessoas que foram informadas pela divulgação ostensiva de nossa Irmandade. Essas pessoas acreditaram em A. A., tomaram conhecimento dos resultados por nós obtidos na prática do Programa de Recuperação, muitos se tornaram nossos amigos e por isso nos encaminhavam alcoólicos que queriam se recuperar. Esse fato deu-nos a responsabilidade de desenvolver a melhor política possível de relações públicas em prol de Alcoólicos Anônimos, sabedores que permanecer expostas à curiosidade pública seria arriscado em nosso caso. Entretanto, ávidos por se promoverem, muito de nossos amigos

se atiraram às mais extravagantes formas de divulgação de A. A., notadamente na imprensa que começava a demonstrar boa vontade conosco. Foi preciso então que definíssemos os limites de nossa atuação em busca de divulgação e informação sobre nossa irmandade. A *Décima Primeira Tradição* encontrou o ponto de equilíbrio ao estabelecer o princípio de *atração em vez da promoção* nos meios de divulgação. A melhor política de relações públicas era aquela que preservava o anonimato dos membros no contato com os meios de informação nos seus mais diversos segmentos. Mais do que a negação da autopromoção, essa Tradição é um lembrete permanente e prático de que a ambição pessoal não tem lugar em Alcoólicos Anônimos. Ao colocar em prática a verdadeira humildade no momento de divulgar A. A., cada membro impõe a si próprio a responsabilidade de colocar este princípio acima de sua eventual necessidade de autopromoção.

Finalmente, ao estabelecer o princípio do anonimato pessoal através da *Décima Segunda Tradição*, o seu enunciado sintetiza o profundo conteúdo espiritual de nossas Tradições. Essa Tradição afirma, em seu bojo, que a essência espiritual ao anonimato é o sacrifício. Porque as Doze Tradições reiteradamente nos pedem que esqueçamos os nossos anseios pessoais em favor do bem comum, compreendemos que o espírito do sacrifício – simbolizado pelo anonimato – é o fundamento de todas elas. É a comprovada disposição de A. A. no sentido de fazer tais sacrifícios que dá às pessoas uma grande confiança em nosso futuro. Foi exatamente pela renúncia ao prestígio pessoal que os nossos cofundadores, Bill W. e o Dr. Bob, foram os que mais deram ênfase a nossos princípios. Foi através da renúncia ao prestígio pessoal que o nosso Bill W. recusou receber o título de *Doutor Honoris Causa*, por indicação de uma das maiores e mais conceituadas universidades norte-americanas; quando declinou da oferta de uma fábula em dinheiro, que diversas companhias cinematográficas norte-americanas lhe ofereceram para transformar sua vida em filme; ou ainda quando se recusou a ter a sua foto estampada na capa da revista Times, por ocasião de uma reportagem sobre A. A.

Por sua vez, á no final dos seus dias, Dr. Bob soube que seus amigos de Akron queriam erguer um monumento ou mausoléu em sua homenagem e de sua esposa, Anne, algo digno de um fundador. O Dr. Bob recusou agradecendo. Comentando o fato com Bill W. pouco tempo depois, ele sorrindo disse: “Pelo amor de Deus, Bill, que sejamos enterrados, tanto você como eu, da mesma maneira como são todas as pessoas”. Na lápide do Dr. Bob e Anne não consta sequer uma palavra a respeito de Alcoólicos Anônimos. Nara Bill W. “Isso me deixou tão contente que até chorei. Será que esse casal maravilhosos não levou longe demais o anonimato pessoal, quando

recusou tão firmemente a usar as palavras 'Alcoólicos Anônimos', mesmo sobre sua lápide? Creio que não, acho que esse comovedor exemplo final de modéstia provará ser de maior valor para A. A., do que qualquer promoção pública ou qualquer mausoléu grandiosos. Não precisamos ir a Akron, Ohio, para ver o memorial do Dr. Bob. O verdadeiro monumento do Dr. Bob é visível através do alcance e da amplitude de A. A. Vejamos novamente sua verdadeira inscrição... apenas uma palavra, aquela que foi escrita por nós, os Aas. Essa palavra é **sacrifício**.

**FONTE:**

**JUNAAB – Relatório Anual de Alcoólicos Anônimos do Brasil**

**XXXI Conferência de Serviços Gerais – São Paulo/SP – 2007**

**Página 143 – 144 – 145 – 146 - 147**